

Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória

Instituição responsável: Nota Musical Comunicação

www.quilombosdojequitinhonha.com.br

Entrevistado: Mestre Antônio (Antônio Luiz de Matos)

Comunidade São Benedito do Capivari, município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Junho, 2014

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. O mestre dos tambores mineiros – Entrevista de Mestre Antônio (Antônio Luiz de Matos). *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

O mestre dos tambores mineiros

Mestre Antônio é referência na arte da luteria de tambores e caixas na região de Minas Novas, e sua fama já alcançou terras bem mais longínquas que a região do Vale do Jequitinhonha. Foi reconhecido como mestre artesão luthier, em fevereiro de 2001, pela Fundação Artística de Ouro Preto, a FAOP, por mérito e técnica de passar por tantos anos seus ensinamentos pelo método da oralidade, transmitindo o que aprendeu com seus ancestrais. Dentre eles, Mestre Antônio destaca a figura de seu avô, Artur Barreiro, que dedicou sua vida na feitura dos tambores, agrupamento de músicos e de quem herdou as ferramentas para o trabalho de luteria. Nascido em 1943, suas histórias e pensamentos perpetuam a cultura pulsante do Vale do Jequitinhonha, que passam pelas festas religiosas, ritos, lendas e costumes.

A minha origem de nascimento é um local chamado São Benedito do Capivari, distrito de Minas Novas, mas depois fui para Ribeirão do Meio. Nasci em 1943 e sou conhecido como Antônio de Bastião, mas hoje ainda mais conhecido com a patente de Mestre Antônio. Quando falo isso, percebo que minha identificação vem com a história de meus ancestrais. O local de origem não é longe daqui, Capivari, perto de Barra do Ribeirão do Meio, por isso as pessoas falam Capivari Barra, e quem for por lá fica sabendo da história de Antônio de Bastião, o Mestre Antônio.

A minha história vem de meus ancestrais, o tataravô de meu bisavô, e aí vem aquela história, de pai para filho. Meu avô, que me ensinou o ofício do tambor, chamava Artur Barreiro, Artur Luiz Pereira. Ele era chamado de “mão sem cova”, porque não tinha cova na mão de meu avô, eu também, Antônio de Bastião, também não tenho cova nas mãos. Em vez de Mestre Antônio, eu gosto mais que me chame de Antônio de Bastião, porque meu pai chamava assim.

Eu venho de uma linha, de uma história... eu não ganhei na tele sena, mas acho que ganhei uma coisa muito melhor, que foi a história de meu bisavô que chamava Pi, ele era avô de minha mãe, e minha bisavó chamava Tereza, mãe de meu avô, Artur Barreiro. Ele era aqui de Minas Novas e tinha um grupo que mexia com caixa, com

tambor, tinha contato com um senhor aqui de Minas Novas chamado João Lelé, além de outros tamborzeiros, e eles tinham um grupo de jovens, que depois até assumi, tinham 22 alunos. Eu fiquei com esse grupo de meu avô até quando pude, porque Minas Novas é uma cidade muito boa, ciclo do ouro, mas na mão mesmo, é de “outros”.

Então isso tudo é passado que herdei, minha bisavó fugiu de Salinas e foi para um lugar chamado Bananal. Ainda bem que Deus do céu deixou tudo na minha cabeça porque nós não tivemos o direito de estudar, meu pai não teve o direito de estudar, e meu avô menos ainda. Mas eu acho que tudo isso que ficou na minha cabeça é por conta de tanta coisa boa, forte, que comi no mato, como folha de espinho da agulha, ora-pro-nobis¹, esse é beleza, mas também língua de vaca², folha de quiabo. Mas falando em memória, quero lembrar de Artur Barreiro, esses trabalhos que eu faço, está a mão de Artur Barreiro. Ele não era assim só um artista, ele era uma pessoa que sabia articular e fazer as coisas, por isso tinha grupo também.

Eu quero deixar uma história aqui. O congado de São Benedito dos Homens Pretos, de Minas Novas, eu acompanho há muito tempo, não quero dizer que fui um dos fundadores, mas acompanho há muito tempo. Em certo tempo eu tocava acordeon, tinha uma sanfona oito baixos, que comprei em São Paulo. Falando disso, lembrei da história das tochas, dos escravos. Quando eles queriam sair, eles apagavam as luzes todas, o fogo, jogando água, para despistar o capanga, o sentinela, aquele que batia neles, que então achava que eles estavam tudo dormindo e dormia também. Daí os escravos iam para o mato, fugiam, eles usavam enxada, batiam enxada, mas na cabeça deles o som era dos tambores. Isso minha bisavó contava, e com isso eles ficavam naquela festa ali.

¹ A ora-pro-nobis é uma hortaliça originária do continente americano e encontrada em abundância na região sudeste do Brasil. Muito usada na culinária mineira e também nas comunidades quilombolas, o prato mais comum é o frango com ora-pro-nobis. Em latim significa “rogai por nós”, e segundo tradições, esse nome foi dado por algumas pessoas que a colhiam no quintal de um padre enquanto ele rezava em latim. Fonte: <http://www.petitgastro.com.br/ora-pro-nobis-um-ingrediente-originario-do-continente-americano-muito-usado-na-culinaria-mineira/> e <https://www.beneficiosnaturais.com.br/ora-pro-nobis-beneficios-e-propriedades/>

² Planta originária no Brasil, possui diversos outros nomes como bredo, maria-gorda, buglosa, caruru e fumo-do-mato, entre outras terminações. Quase todas as partes da planta são utilizadas na medicina caseira, em várias regiões do país. Entre as principais propriedades estão ações sedativas, antigripal, diurética, desobstruente, tônica, para citar algumas. Fonte: <https://beneficiosdasplantas.com.br/lingua-de-vaca-beneficios-e-propriedades-dessa-planta-e-seu-cha/>

E com isso é que veio a história do congado, de São Benedito, Unido do Rosário. E, de modo geral, os tambores entram na festa de Nossa Senhora do Rosário, na mesa branca, nos candombes³. E por isso tem esse nome, Unido do Rosário. Eu faço os tambores, mas você pode usar em mesa branca, no terreiro de umbanda. Você pode usar os tambores, porque ele tem uma história, a Nossa Senhora, a nossa mãe poderosa, ela tem esse contato com o que eu tenho com a natureza. De um modo geral, ela acolheu sim, ela não teve distinção. E aí candomblé, mesa branca, terreiro, preto velho, essas coisas, são todos unidas, cada um, cada um, sem ninguém jogar pedra um no outro. Porque a mãe nossa, Nossa Senhora do Rosário, ela é a mãe de todos. São Benedito foi descendente altíssimo dos quilombos. Isso são histórias vivas, a base da casa. Os escravos são base da casa, e essa história da base da casa vem do pai, São Benedito, o congado, esse congado que tem aí dos Homens Pretos.

Eu toco também, sou acordeonista do congado, conto histórias, venho do tempo das missões, dos cruzeiros, das penitências. Estou fazendo um trabalho na minha comunidade, um trabalho que conta a história de uns escravos, que diz assim. Enquanto você descansa, carrega pedra na cabeça pelada, porque raspavam a cabeça da gente. Eu carreguei muita pedra, fazendo penitência, para vir chuva. Minha avó, Flozina, falava para gente carregar pedra, nove dias, subindo um morrão e descia no rio Capivari. Nós chegávamos lá, levava uma e trazia outra. Era penitência mesmo, pegava uma no campo, levava e colocava dentro da água, na cabeça pelada. Os mais velhos é que raspavam nossa cabeça, e a gente não tinha o direito de vestir uma roupa, só vestia uns panos feitos no tear, pano de algodão. Então era um passado, um outro mundo, hoje não é o mundo de ontem.

Eu conto essas histórias e meus filhos choram. Eu tenho um filho, que chama Adão, mora em Guariba, ele dana a chorar quando conto esse caso. Tenho um neto que chama Kaique, e eu fiz um rascunho de uma rabeça. Porque meu avô fazia tudo isso, ele fazia viola de cocho⁴, eu também fiz muita viola de cocho, mas daí um pau bateu no meu

³ “Encontrado nos verbetes de Candomblé, o Candombe do Rio da Prata é diverso, constituindo uma festa profana semelhante aos reisados, congos, maracatus e coroamento de reis nas festas de Nossa Senhora do Rosário. Os negros de origem banta dão o mesmo nome aos centros de sua devoção. Muito encontrado no interior de Minas Gerais e centro-oeste, chegou ao Brasil vindo da África”. Fonte: Dicionário do Folclore Brasileira, de Luís da Câmara Cascudo e <http://www.bibliotecaderitmos.com.br/ritmo/candombe/>

⁴ Pertencente ao grupo dos alaúdes curtos, acredita-se que sua origem é fruto da união entre as culturas europeia e americana, mais precisamente uma mistura das tradições portuguesas e indígena brasileira.

olho, e não consigo mais fazer aqueles traços. Mas por isso faço os tambores que vocês estão vendo.

Quando que o senhor começou a fazer tambor?

Eu nasci, rodei em São Paulo, vendi muita cruz na praça da Sé. Mas, depois que meu avô morreu, a minha avó Flozina foi lá em casa, eu já era casado, e levou as ferramentas de meu avô. Eram poucas, um formão, um macete, poucas. A gente tinha enterrado ele há pouco tempo, aqui em Minas Novas, o Artur Barreiro. Mas ela chegou com as ferramentas, me deu e disse que era para eu seguir com o que meu avô estava fazendo, e passar para os outros também. Mas naquela época estava voltado para São Paulo, para poder ajudar minha família. Mas Antônio de Bastião, ele me ensinou, e falou para eu fazer o que meu pai fazia, e que meu avô fazia, que eu não teria dificuldade na vida. E graças a Deus, não falta comida na minha mesa, porque acho que tenho essa benção.

E foi a partir daí que o senhor começou a fazer os tambores?

Foi assim. Primeiro a minha avó falou de eu tomar conta disso, mas respondi que achava não ter condições. Mas ela insistiu, dizendo que era eu quem acompanhava o que meu avô fazia, que ele mesmo, meu avô, dizia que o único que poderia seguir fazendo o que ele fazia, era eu, da nossa família. Daí entrei, minha avó danou chorar, conversando com minha finada esposa, a Rosária. Foi quando minha esposa entrou para falar comigo, dizendo que eu deveria pegar as ferramentas de meu avô, e falar com minha avó que estava chorando. Quando cheguei diante de minha avó, meu coração derramou (emocionado), e eu disse que pegava as ferramentas para ela não chorar mais. Ela ainda disse para eu pegar as ferramentas porque meu avô falava muito de mim. Eu peguei as ferramentas e deixei lá.

Naquela época eu trabalhava de encarregado, em construção civil, deixei as ferramentas e fui para São Paulo. Não sabia ler nada, mas trabalhava direito. Até que uma “coisa” disse assim para mim, “vai embora, vai embora, vai embora”. Fui conversar com o

Bastante comum nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Sua caixa de ressonância é confeccionada da mesma maneira que se faz um cocho, objeto usado para colocar alimento de animais, na zona rural. Fonte: <http://www.infoescola.com/musica/viola-de-cocho/> e https://en.wikipedia.org/wiki/Viola_de_cocho

mestre de obras que precisava ir embora, e o mestre disse que não era para eu sair de lá porque a obra parava. Mas aquilo ficou cutucando em mim, eu deitava na cama e não conseguia dormir, parecia que estava vendo meu avô. Então voltei a conversar com o mestre que disse que me liberava da obra só se arranjasse outra pessoa para deixar no meu lugar. Arranjei um amigo para ficar no meu lugar e vim embora.

Quando eu cheguei em casa, passado uns dois dias, a finada minha esposa me perguntou, “e aí?”. Quando levantei um dia, disse a ela que não voltava mais para São Paulo, que ficava aqui. Mas ela respondeu que duvidava disso, porque desde que tínhamos casado, em 1964, eu ia e ficava muito em São Paulo. Mas a alma de meu avô foi que deu um jeito, e aí aconteceu isso. De repente, tinha gente fazendo o levantamento das histórias e eu fui agraciado como mestre, a partir de uma história que veio das raízes. Agraciado pela FAOP (Fundação Artística de Ouro Preto, ele foi agraciado como mestre luthier, em 2001).